

Significados da música para pessoas em privação de liberdade

José Fortunato Fernandes

Universidade Federal de Mato Grosso
orcid.org/0000-0001-5883-3046
jfortunatof@ufmt.br

FERNANDES, José Fortunato. Significados da música para pessoas em privação de liberdade. **Revista da Abem**, v. 31, n. 1, e31106, 2023.

Significados da música para pessoas em privação de liberdade

Resumo: O campo de estudo desse artigo é a educação musical através do canto coral como meio de inclusão social de pessoas em privação de liberdade. Seu objetivo é mostrar os diferentes significados que a música pode assumir para esse público. Dessa forma, tais significados podem ser utilizados no planejamento de sua educação musical e desenvolvidos por meio do canto coral ou mesmo de outras práticas musicais. Os métodos utilizados foram a pesquisa bibliográfica nas áreas da educação musical, psicologia e sociologia, entrevistas estruturadas com vinte pessoas em privação de liberdade e a pesquisa-ação, em que o pesquisador atuou como regente de canto coral. Os dados coletados foram analisados, categorizados e cruzados. Nos resultados obtidos da coleta de dados foi identificada uma diversidade de significados da música, levando-se em consideração a condição de privação de liberdade em que se encontram as pessoas observadas e entrevistadas. Destacaram-se a expressão de sentimentos, a sublimação, mas sobretudo como uma forma de terapia. Concluímos que a música pode assumir diferentes significados para cada pessoa, mas que pode caracterizar um grupo, como é o caso de pessoas em privação de liberdade. A proposta de sua utilização como meio de inclusão social pode ser mais efetiva se tais significados forem conhecidos e considerados pelo educador no planejamento de atividades.

Palavras-chave: educação musical; inclusão social; música em prisões; privação de liberdade; significados da música.

Meanings of music for people in deprivation of liberty

Abstract: The field of study of this article is music education through choral singing as a means of social inclusion of people in deprivation of liberty. The purpose of this article is to identify the different means that music can take on for this audience to be used in the planning of their music education through the practice of choral singing or even other musical practices. The methods used were bibliographical research in the areas of music education, psychology and sociology, structured interviews with twenty people in deprivation of liberty and action research in which the researcher acted as choir conductor. The data collected were analyzed, categorized, and crossed. The results obtained were the identification of the meaning of music considering the condition of deprivation of liberty in which the people observed and interviewed find themselves. They emphasized the expression of feelings, sublimation, but above all as a form of therapy. We concluded that music could assume different meanings for each person, but it can characterize a group and that the proposal of its use as means of social inclusion can be more effective if such meanings are known and considered by the educator.

Keywords: music education; social inclusion; music in prisons; deprivation of liberty; meanings of music.

Significados de la música para personas en privación de libertad

Resumen: El campo de estudio de este artículo es la educación musical a través del canto coral como medio de inclusión social de personas en privación de libertad. Su objetivo es mostrar los diferentes significados que la música puede asumir para este público. De este modo, dichos significados pueden utilizarse en la planificación de su educación musical y desarrollarse a través del canto coral o incluso de otras prácticas musicales. Los métodos utilizados fueron la investigación bibliográfica en las áreas de educación musical, psicología y sociología, entrevistas estructuradas a veinte personas privadas de libertad e investigación-acción en la que el investigador actuó como director de coro. Los datos recogidos fueron analizados, categorizados y cruzados. En los resultados obtenidos de la recolección de datos, se identificó una diversidad de significados de la música, teniendo en cuenta la condición de privación de libertad de las personas observadas y entrevistadas. Se destacó la expresión de sentimientos, la sublimación, pero sobre todo como forma de terapia. Concluimos que la música puede asumir diferentes significados para cada persona, pero que puede caracterizar a un grupo, como es el caso de las personas en privación de libertad. La propuesta de su utilización como medio de inclusión social puede ser más efectiva si tales significados son conocidos y considerados por el educador en la planificación de actividades.

Palabras clave: educación musical; inclusión social; música en prisiones; privación de libertad; significados de la música.

Introdução

As ações de educação musical nos trazem muitas possibilidades para verificarmos o significado da música para cada educando. Podemos perceber como a música atrai e atua em diferentes áreas da vida de cada um. Ao discorrer sobre os usos e recursos da música, Zampronha (2002) traz um elenco de possíveis significados que a música pode assumir. A autora diz que

a linguagem musical não é somente um recurso de combinação e exploração de ruídos, sons e silêncios em busca do chamado gozo estético. É também um recurso de expressão (de sentimentos, idéias, valores, cultura, ideologia), de comunicação (do indivíduo com ele mesmo e com o meio que o circunda), de *gratificação* (psíquica, emocional, artística), de mobilização (física, motora, afetiva, intelectual) e de *auto-realização* (o indivíduo com aptidões artístico-musicais mais cedo ou mais tarde se direciona nesse sentido, *criando* – ou seja, compondo, improvisando –, *recriando* (interpretando, tocando, cantando, lendo, “construindo” uma nova *parição*, uma performance) ou simplesmente *apreciando*, vivendo o prazer da escuta. [...]. A música é também recurso de *expurgação*, *catarse*, *maturação* (emocional, social, intelectual) [...]. É, enfim, recurso de *prazer* (gratuidade artística, música pela música, pelo simples prazer de fazer música) e de *sublimação* (movimento pulsional dirigido para um determinado fim), além de ser considerada hoje, *cientificamente*, disciplina paramédica – a *musicoterapia* – com o estatuto de auxiliar a saúde física e mental do indivíduo (Zampronha, 2002, p. 13-14, grifos do autor).

Tomando o texto de Zampronha (2002) como fundamento teórico para este trabalho e refletindo sobre os possíveis significados que a música pode assumir na vida das pessoas, procuramos pesquisas que nos trouxessem tanto dados que pudéssemos relacionar ao seu texto quanto novos significados para a música.

Ao discorrer sobre sua pesquisa em projetos sociais desenvolvidos pelo terceiro setor, Kleber (2008) fala sobre o significado da música para seus integrantes. A autora diz que “a produção de conhecimento e a construção de asserções [...] oportunizaram reflexões sobre o significado das práticas musicais na construção das identidades institucionais, dos indivíduos e dos grupos participantes do estudo” (Kleber, 2008, p. 217). Aliada à construção de identidades, Kleber (2008, p. 228 e 231) ainda fala sobre sua importância para a construção do sentimento de pertencimento e de valores pessoais e sociais.

Segundo Bauman (2005, p. 26), “a idéia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre “o ‘deve’ e o ‘é’ [...]” O impasse entre “o que sou” e “o que devo ser” envolve

juízos morais que incidem na tomada de decisão. Bartels *et al.* (2015), sobre o impasse entre julgamento moral e tomada de decisão, dizem que

[...] múltiplos princípios morais produzem mandatos conflitantes. Decisões que envolvem tensão entre princípios morais podem gerar conflito cognitivo dentro de uma pessoa e provocar desacordo entre as pessoas. Em última análise, pequenas variações no contexto entre as situações podem fazer pender o equilíbrio entre as forças morais concorrentes e levar a decisões inconsistentes com os princípios¹ (Bartels *et al.*, 2015, p. 478, tradução nossa).

Ao relacionarmos os significados identificados por Kleber (2008) com o texto de Zampronha (2002, p. 14), identificamos que a música passou a significar expressão de valores, um canal de comunicação com o meio e uma forma de adquirir maturação social.

Ao falar sobre a relação da música e a construção da identidade, concordamos com o que Bowman (2018) diz sobre como a música pode mostrar quem nós somos:

Os hábitos que nós desenvolvemos através de nossas ações musicais tornam-se partes importantes de quem nós somos – nosso caráter, nossas identidades e também de nossa identidade coletiva, já que a música é invariável e inextricavelmente social² (Bowman, 2018, p. 169-170, tradução nossa).

Dessa forma, a música pode dizer muito sobre quem nós somos e como ela nos impacta. Bauman (2005, p. 198) ainda nos diz que “a identidade é desenvolvida sob a influência do meio no qual se vive, orientada por padrões estabelecidos por esse mesmo meio e estimulada pelo sentimento de pertencimento [...]”. Esse pensamento vem corroborar com Foucault (1987, p. 222) que diz, em sua obra seminal *Vigiar e Punir*, que “a prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras”. Como educadores musicais de pessoas em privação de liberdade, o planejamento de nossas ações pode se tornar fundamental para direcionar as “cumplicidades” de tal forma que o processo de ressocialização se concretize.

¹ [...] multiple moral principles produce conflicting mandates. Decisions that involve tension between moral principles can generate cognitive conflict within a person and ignite disagreement between people. Ultimately, small variations in context across situations can tip the balance between competing moral forces and lead to principle-inconsistent decisions.

² The habits we develop through our musical actions become important parts of who we are - our character, our identities, and also of our collective identity, since music is invariably and inextricably social.

Bowman (2018), ao apontar as diferenças entre o treino e a educação musical, aponta a soberania dessa última e os resultados benéficos que ela pode trazer: “a Educação Musical, em contraste com o mero treino, é preparação para a cidadania – que tipo de pessoa é bom ser e que tipo de sociedade nós esperamos forjar através de nossas ações (musicais)” (p. 174).³ De Quadros e Amrein (2023), ao discorrerem sobre cidadania, dizem que

Se nós conectamos inclusão e boas-vindas como valores centrais para a cidadania [...], nós colidimos com limites, pois cidadania é um termo local vinculado aos estreitos limites da nação-estado. [...] o termo “cidadão” vem com um sistema enraizado no privilégio o qual alguns têm direito e outros não⁴ (De Quadros; Amrein, 2023, p. 117, tradução nossa).

Entendemos que esse privilégio deve ser um direito de todos. No contexto da educação musical, o desenvolvimento da cidadania pode trazer bons resultados, ou não. De Quadros e Amrein (2023, p. 117) alertam que “[...] certas formas de musicalização carregam incorporadas, embora sutis, forças de exclusão simbólica, privilégio de gênero e opressão capacitista.”⁵ Veugelers e Terlingen (2020), ao descreverem uma pesquisa sobre como a educação musical pode contribuir para a cidadania, realizada em uma escola de ensino médio da Holanda, explicam:

Neste processo de co-criação aprendem a cooperar, a sintonizar-se, a ter empatia, a dar espaço e a ocupar espaço e a resolver problemas em conjunto. [...]. Outro aspecto de como a educação musical pode contribuir para a educação democrática é a capacidade de receber críticas e dar feedback uns aos outros. Isso pode ser feito no processo de co-criação, nas próprias composições, mas também como parte da performance⁶ (Veugelers e Terlingen, 2020, p. 231, tradução nossa).

Assim, podemos vislumbrar o desenvolvimento da cidadania por meio das atividades de criação e performance, planejadas com essa intenção. O desenvolvimento da cidadania por meio da música dentro de prisões pode ser

³ Music Education, in contrast to mere training, is preparation for citizenship - what kind of person it is good to be, and what kind of societies we hope to forge through our (musical) actions.

⁴ If we connect inclusion and welcome as central values to citizenship [...], we collide with borders, for citizenship is a locational term bound within the narrow confines of the nation-state.

⁵ [...] certain forms of musicking carry embedded, albeit subtle, forces of symbolic exclusion, gendered privilege, and ableist oppression.

⁶ In this process of co-creation they learn to cooperate, to attune to each other, to empathy with each other, to give space and to take space and to solve problems together. [...]. Another aspect of how music education can contribute to democratic education is the capability to receive critics and to give feedback to each other. This can be done in the process of co-creation, in composing themselves, but also as part of performing.

fundamental para a reinserção de ex-encarcerados na sociedade. Cohen e Duncan (2022) compreendem que

[...] fazer música nas prisões amplia as perspectivas dos que estão de fora sobre as pessoas na prisão, um passo necessário para apoiar os cidadãos que retornam e ampliar a imaginação da sociedade quando considera alternativas para as prisões e novas abordagens de cura para a justiça⁷ (Cohen e Duncan, 2022, p. 44, tradução nossa).

Desse modo, quando Bowman (2018), de Quadros e Amrein (2023), Veugelers e Terlingen (2020) e Cohen e Duncan (2022) apontam a música como um meio de se alcançar a cidadania, relacionamos-na à maturação social (Zampranha, 2002, p. 14).

Ao procurar mais especificamente dados que se referissem ao significado da música para pessoas em privação de liberdade, encontramos pesquisas que apontam os diferentes impactos que ela pode exercer nesse contexto.

Ao fazerem uma análise comparativa de práticas de ensino de música no contexto prisional, Motin e Leonido (2018) relatam que, além de ser um meio de socialização, o ensino de música desenvolve talentos e incentiva a profissionalização, pois surgiu “[...] o interesse de alunos em prosseguir com o aprendizado para uma futura carreira na área e a divulgação do trabalho nos meios de comunicação da região” (Motin; Leonido, 2018, p. 70). O interesse na profissionalização nos remete à sublimação da música, exposta por Zampranha (2002, p. 14), como um “movimento pulsional dirigido para um determinado fim”.

Como resultados do ensino de música em prisões, os autores ainda apontam “[...] mudanças na convivência entre os reclusos [...] conhecimento de leitura de partitura e prática de instrumentos, [...] bom relacionamento após a prática musical e [...] desenvolvimento da socialização entre o grupo” (Motin; Leonido, 2018, p. 71). Esses resultados nos levam à maturação social e intelectual (Zampranha, 2002, p. 14).

Motin e Leonido (2018, p. 72), ao se referirem aos efeitos da música sobre os apenados, dizem que “a autoestima recuperada por meio das aulas de música, as lembranças e recordações, levam-nos a acreditar num fator até terapêutico da

⁷ [...] music-making in prisons broadens outsider's perspectives of people in prison, a necessary step toward supporting returning citizens and to stretching society's imagination when it comes to considering alternatives to prisons and new healing approaches to justice.

música”. Esse relato nos remete ao uso da música como terapia (Zampronha, 2002, p. 14).

Os autores tratam da importância de se “[...] encontrar um repertório que tenha significado para os alunos [...]” (Motin; Leonido, 2018, p. 70). Utilizado como material pedagógico, o repertório está diretamente relacionado à motivação e à experiência musical significativa dos alunos. Gopalan, Bakar e Zulkifli (2020, p. 554, tradução nossa), ao discorrerem sobre as teorias da motivação, assinalam que “uma boa quantidade de motivação buscará melhorar o sucesso ou o fracasso, e a falta de motivação criará grandes barreiras para alcançar o sucesso. Falta de motivação, frustração e interrupção podem prejudicar a produtividade e o bem-estar”⁸. Assim, motivação e sucesso são elementos que podem interferir no significado da música para encarcerados. Motin e Leonido (2018, p. 72) concluem dizendo que “[...] a música pode ser um meio de promover e dar voz para os que foram cerceados pelo direito de ir e vir”. Assim, o repertório musical pode significar meio de expressão e comunicação (Zampronha, 2002, p. 14).

A pesquisa de Lamela (2019) discorre sobre sua experiência com o ensino de piano dentro de uma prisão em Portugal e descreve o que a música significa para quatro alunas. Encontramos semelhanças entre tais significados e o texto de Zampronha (2002, p. 14). A autora relata que Marta “[...] quer tocar sua própria música, não a música dos outros” (Lamela, 2019, p. 17). Esse fato nos remete ao significado da música como autorrealização por meio da criação. Sobre Maria João, a autora diz que ela “[...] quer continuar a aprender piano assim que for libertada [...]. A Maria João vê a participação no projeto como um começo de algo que pretende continuar ‘lá fora’, assim que for libertada” (Lamela, 2019, p. 18). Identificamos a sublimação da música significando uma alternativa para uma vida futura. A autora se refere a Helena como alguém que “dá tudo de si, e é nos momentos de improvisação que mais claramente se revelam a sua sensibilidade musical e o prazer da descoberta” (Lamela, 2019, p. 19). Para ela, podemos identificar a música significando expressão e prazer. Quanto a Clara, a autora diz que ela “[...] quer mesmo aprender e dedica parte do seu tempo a tarefas que, não sendo as mais agradáveis nem motivadoras, lhe

⁸ A good amount of motivation will pursue to improve success or failure, and a lack of motivation will create major barriers to achieve success. Lack of motivation, frustration, and disruption can hinder productivity and well-being.

parecem ser a única forma de desenvolver as suas competências” (Lamela, 2019, p. 20). Identificamos uma dedicação ao estudo da música que pode significar maturação intelectual.

Ao nos depararmos com a pesquisa de Dias (2019), que faz um estudo sobre os sentidos da prática coral em uma unidade prisional, no decorrer de seu texto também identificamos muitas semelhanças entre sua concepção de sentido da música e o texto de Zampronha (2002, p. 14). Dessa forma, se por um lado, Dias (2019) se refere à música como lazer (p. 36) ou entretenimento (p. 66), por outro, Zampronha (2002) a associa ao prazer; Dias (2019) se refere à música como meio de sociabilidade e socialização (p. 36), “contato com o que está tocando nas rádios” (p. 45), meio de criar “laços duradouros e significativos” (p. 53), como “[...] uma força na vida social, como meio de construção de consciência e da estrutura social”, “como agente de construção de uma consciência social [...]” (p. 56), e Zampronha (2002) a associa à comunicação com o meio e à maturação social; Dias (2019) se refere à música como meio de “[...] regulação das emoções e do estresse [...] capaz de conduzir comportamentos, identificações e pertencimentos [...]” (p. 61), como meio de distração para reduzir o tédio (p. 66), e Zampronha (2002) a associa à musicoterapia e à maturação social; Dias (2019) se refere à música como energização ou “[...] como meio de manter a atenção e a excitação [...]” (p. 66), e Zampronha (2002) a associa à mobilização física e intelectual; Dias (2019) se refere à música como aprimoramento – como meio, por exemplo, de memorização (p. 66), e Zampronha (2002) a associa à maturação intelectual.

De uma forma mais específica para a coleta de dados para sua pesquisa, Dias (2019, p. 91, 95, 98, 103, 111 e 129) identificou diversos significados da música que nos remetem ao texto de Zampronha (2002, p. 14) por meio das respostas dos reeducandos que entrevistou: como expressão de alegria, que se relaciona à expressão de sentimentos; fuga da tristeza, meio de levantar a autoestima, terapia que acalma, que se associa à musicoterapia; forma de adquirir conhecimento, que nos reporta à maturação intelectual; e meio de sociabilidade, que nos leva à maturação social. Dias (2019) diz que

[...] para de fato entendermos o significado da música precisaremos de uma análise aberta, interdisciplinar entre estudiosos. Através do envolvimento de áreas diferentes na análise e a troca de

conhecimentos pode se chegar aos significados resultantes da prática musical (Dias, 2019, p. 62).

Ao pensarmos em áreas diferentes, podemos vislumbrar o significado da música: na área afetiva, relacionada aos sentimentos e às emoções que ela provoca, analisada pelo viés da psicologia; na área social, relacionada à visibilidade e à identidade social, analisada pelo viés da sociologia; na área cognitiva, relacionada à aquisição de conhecimento – seja como amador ou profissional, com resultados decorrentes do próprio empenho – e na área psicomotora, relacionada ao prazer do movimento – seja na dança, na execução musical ou mesmo de tarefas –, analisadas pelo viés da educação. Todas essas áreas estão contempladas no texto de Zampronha (2002, p. 14). Outros textos ainda poderiam ser abordados, mas vamos nos ater apenas a esses.

Metodologia

Este trabalho, sendo uma continuação da pesquisa realizada durante o doutorado e apoiada pelo grupo de pesquisa Música e Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), traz resultados parciais de uma pesquisa intitulada Música em Prisões, que teve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – Humanidades da UFMT, o que gerou o nº CAAE 47556721.0.0000.5690.

A metodologia utilizada é qualitativa. Os dados iniciais foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica. Gil (2008) explica que

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...]. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (Gil, 2008, p. 50).

Dessa forma, buscamos uma fundamentação teórica para este trabalho. Os demais dados foram coletados por meio de entrevistas e observações.

Gil (2008) afirma que

por sua flexibilidade [a entrevista] é adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos e pode-se afirmar que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi obtida graças à sua aplicação (Gil, 2008, p. 109).

Foram realizadas entrevistas estruturadas com 20 pessoas em privação de liberdade em uma penitenciária para homens. A idade deles era entre 24 e 49 anos. Eram da raça branca, em sua maioria, sendo três negros e três pardos. Sua escolaridade variava entre o 4º ano do Ensino Fundamental e curso superior completo. Todos se declaravam cristãos. Apenas um deles mostrava ser transexual, devido às características de seu corpo.

“A entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número” (Gil, 2008, p. 113). As entrevistas foram transcritas e os dados foram analisados e comparados indutivamente.

As entrevistas abordaram questões relacionadas ao significado da música. Algumas questões foram feitas de forma indireta, abordando o gosto musical, a autopercepção da voz, os motivos que levaram os entrevistados a frequentar as aulas e a expectativa de aprendizagem. Uma questão foi feita de forma direta, abordando os significados da música para cada entrevistado. Assim, a pesquisa se caracteriza também como descritiva, pois “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p. 28).

A pesquisa-ação foi desenvolvida por meio da atuação do pesquisador como regente de canto coral, no qual os apenados atuavam como cantores. Gil (2008, p. 31) diz que “tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa”. Os dados coletados por meio da observação de fatos importantes que ocorreram durante os ensaios foram registrados, analisados e comparados indutivamente.

Com a exploração do aspecto que a pesquisa pretendeu descrever neste trabalho – o significado da música expresso pelas pessoas em privação de liberdade –, temos como objetivo gerar conhecimento que possa auxiliar na condução da educação musical dentro de prisões.

Resultados

Para que a identidade dos entrevistados fosse preservada, foram utilizadas as iniciais da expressão *pessoas em privação de liberdade* (PPL) acrescidas de um

número. Dessa forma, os entrevistados são referidos como PPL1, PPL2 etc. Devido aos limites impostos ao artigo, os resultados apresentados estão relacionados apenas ao maior índice das respostas dos entrevistados.

Cem por cento (100%) dos entrevistados responderam que gostavam de música. Inferimos que, mesmo que outros motivos tenham interferido na decisão de participar do curso de música, gostar de música se tornou imprescindível para tal decisão. Não é raro que pessoas em privação de liberdade se inscrevam em projetos apenas para estarem fora de suas celas ou se livrem de suas tarefas. Henley, Mota e Cohen (2013) nos relatam como um encarcerado se inscreveu no programa inglês Good Vibrations pela motivação errada:

Este aluno havia admitido que havia se inscrito no programa apenas para se livrar de suas obrigações de trabalho naquela semana. No entanto, à medida que o programa progredia, sua motivação para fazer parte do programa aumentava, e ele foi muito claro sobre o que tirou da experiência⁹ (Henley; Mota; Cohen, 2013, p. 139, tradução nossa).

Embora o motivo inicial tenha sido “se livrar de suas obrigações de trabalho”, acreditamos que havia uma afinidade mínima com a música. Seja qual for o motivo inicial, a música precisaria ter algum significado para influenciar nessa tomada de decisão.

Sessenta e cinco por cento (65%) dos entrevistados responderam que o tipo de música de que mais gostavam era religiosa/gospel e cinquenta por cento (50%) responderam que o tipo de música de que menos gostavam era funk. Podemos inferir que a faixa etária e todo o contexto que a circunda podem interferir na preferência musical e seu significado para os apenados, pois, contrariamente ao resultado das respostas das entrevistas, dados coletados em pesquisa sobre educação musical realizada em instituição correcional para adolescentes nos dizem que “[...] o *funk* e o *rap*, que mesmo sendo proibidos pela instituição correcional, figuravam no gosto musical desses adolescentes” (Fernandes, 2016, p. 206). Chama-nos a atenção o fato de que o funk tenha sido classificado como o gênero musical menos significativo entre os entrevistados. De qualquer forma, os resultados das entrevistas levaram o

⁹ This student had admitted that he had only signed up for the program in order to get out of doing his work duties that week. However, as the program progressed his motivation to be part of the program increased, and he was very clear about what he took away from the experience.

educador a escolher um repertório que satisfizesse as expectativas dos encarcerados durante as aulas de música.

Oitenta por cento (80%) dos entrevistados responderam que ouviriam e cantariam músicas com que não estavam acostumados. Oitenta e cinco por cento (85%) responderam que já haviam passado a gostar de um tipo de música de que não gostavam antes. Cinquenta por cento (50%) responderam que o que os levou a mudar de opinião foi o que ouviram na televisão, rádio ou celular. Inferimos que músicas que não faziam parte do gosto musical dessas pessoas passaram a ter significado para elas. Como educadores, não podemos nos despreocupar com a qualidade musical do repertório com o qual pretendemos trabalhar. Kater (2004) nos adverte sobre o perigo da utilização apenas de materiais sugeridos pelos alunos.

O aparente “pequeno” equívoco que pode surgir aqui, no sentido de se valer de materiais e suportes assimiláveis em vista de uma suposta proximidade da realidade dos participantes, tem frequentemente levado à “mediocrização” e “uniformização” das atividades praticadas, comprometendo decisivamente o processo formador. Geralmente sustentado por músicas e canções provenientes da mídia [...], caminham no sentido oposto ao de uma proposta de educação intencionalmente criativa, transformadora, sobretudo possibilitadora de formas mais legítimas de apreensão da realidade e de participação social [...] (Kater, 2004, p. 48).

Os resultados das entrevistas permitiram que o educador pudesse escolher para o repertório não só músicas que satisfizessem as expectativas dos apenados, mas também algumas que não faziam parte do gosto da maioria, surgindo a possibilidade de um enriquecimento na experiência musical.

Oitenta por cento (80%) dos entrevistados responderam que achavam que tinham uma voz bonita. Percebemos que esse foi um dado que interferiu positivamente na autoestima dos apenados aumentando seu empenho durante as aulas de canto coral, tornando-as mais prazerosas. Fontes e Azzi (2012) nos dizem que

como agente, o indivíduo influencia o próprio comportamento e as circunstâncias de sua vida, pois não é apenas alvo das influências do meio, mas também age sobre ele e produz influências que o modificam. (Fontes; Azzi, 2012, p. 106).

Mesmo os entrevistados que responderam que não achavam que tinham uma voz bonita se surpreenderam com a descoberta de seu potencial vocal durante o desenvolvimento das aulas, tornando-se as músicas significativas para eles.

Sessenta e cinco por cento (65%) dos entrevistados responderam que o objetivo, ao frequentar as aulas de música, foi aprender a cantar. Oitenta e cinco por cento (85%) responderam que o que gostariam de aprender nas aulas de música era técnica vocal. Esses resultados permitiram que o educador tanto selecionasse exercícios técnicos aliados às necessidades exigidas pelo repertório quanto orientasse a sua interpretação expressiva. Rodríguez Yagüe e Pastor Comín (2012) descrevem sua experiência na utilização da música como meio de ressocialização em uma prisão em Castilla-La Mancha (Espanha), e dizem que

[...] depois de trabalhar com comunidades reclusas com o fim de capacitar a comunidade penitenciária com habilidades e competências para a vida em liberdade, os diferentes grupos atuaram no desenvolvimento de competências básicas através da expressão e percepção musical¹⁰ (Yagüe; Pastor Comín, 2012, p. 8, tradução nossa).

Observamos durante as aulas de canto coral que a aprendizagem musical significativa que foi vivenciada passou a contribuir para o processo de ressocialização dentro da prisão. Acreditamos que ela poderá se refletir na vida em liberdade.

Para a questão que se refere ao significado da música, tomamos a liberdade de retirar expressões literais do texto de Zampronha (2002, p. 13-14) para formar as seguintes categorias: expressão (de sentimentos, ideias, valores, cultura, ideologia); comunicação (consigo mesmo e com o meio que o circunda); gratificação (psíquica, emocional, artística); mobilização (física, motora, afetiva, intelectual); autorrealização (*criando* – compondo, improvisando –, *recriando* – interpretando, tocando, cantando, “construindo” uma nova parição, uma performance – ou simplesmente *apreciando*, vivendo o prazer da escuta); expurgação (limpeza e purificação da alma); catarse (libertação emocional); maturação (emocional, social, intelectual); prazer (gratuidade artística, música pela música, pelo simples prazer de fazer música); sublimação (movimento pulsional dirigido para um determinado fim); e musicoterapia (auxílio à saúde física e mental).

Antes de apresentarmos tais categorias, perguntamos o que a música significava para cada um, na tentativa de não direcionar a resposta dos entrevistados.

¹⁰ [...] tras trabajar con comunidades reclusas con el fin de capacitar a la comunidad penitenciaria de habilidades y competencias para la vida en libertad, los diferentes grupos actuaron en el desarrollo de las competencias básicas a través de la expresión y percepción musical.

Apenas dez por cento (10%) deram respostas que não coincidiram com as categorias selecionadas, dizendo que a música significava “tudo” (PPL3, 01 de setembro de 2021) e “a música é tudo e um pouco mais” (PPL17, 22 de outubro de 2021).

Após apresentarmos e explicarmos cada categoria selecionada, todos os entrevistados expressaram mais de um significado da música. A análise de algumas respostas nos levou a inferir que alguns deles não entenderam o conceito de algumas categorias. Tais respostas não foram consideradas. Devido aos limites impostos ao artigo, abaixo apresentaremos poucos exemplos das falas de alguns.

Cinquenta por cento (50%) dos entrevistados responderam que a música significava *expressão*:

De sentimentos: “a música significa muito para mim porque a música traz sentimento [...]” (PPL5, 08 de setembro de 2021).

De sentimentos e cultura: “essas três coisas que a música significa para mim: cultura, arte e esperança” (PPL12, 06 de outubro de 2021).

De ideias:

Então, a música me transporta para um momento em um tempo passado que eu não vivi, porém um tempo futuro que eu poderei viver, [...] eu não sei o dia de hoje e de amanhã, e me traz para essa realidade de hoje e me coloca numa nostalgia bacana, uma emoção... gostosa (PPL17, 22 de outubro de 2021).

De ideologia: “desde o grupo musical que a gente teve, [...] a gente falou muito de política [...]”. (PPL16, 20 de outubro de 2021).

Cinquenta e cinco por cento (55%) dos entrevistados responderam que a música significava *comunicação*:

Consigo mesmo:

Na verdade, sempre gostei de todas as músicas, mas... assim... hoje, a que bastante mexe comigo é mais música evangélica, que é... assim... me faz refletir, me faz ter pensamentos bons, faz a gente... eu falo de mim, me faz enxergar, assim, o mundo que eu quero viver melhor (PPL2, 27 de agosto de 2021).

Com o meio que o circunda:

Às vezes eu vejo a pessoa quieta, meu companheiro de cela, quem for, ou onde eu estiver, às vezes eu chego cantando um hino para ele,

naquele momento eu percebo que ele não está bem, eu conheço e sei como ele é, eu sempre procuro uma mensagem através de uma música, através de um hino. [...]. A pessoa gosta, meu Deus do céu. Porque o hino, ele fala com a alma [...] (PPL7, 15 de setembro de 2021).

Vinte por cento (20%) dos entrevistados responderam que a música significava *gratificação*:

Psíquica: “é gratificante, é ótimo, é maravilhoso, porque [...] é algo que a gente achava que era incapaz de fazer e hoje a gente está vendo que é possível. Basta acreditar e aprender [...]” (PPL20, 19 de novembro de 2021).

Emocional:

Vou aprender a educar minha voz, [...] coisa boa para nós e é até um momento de você se sentir importante, porque muitas vezes as pessoas não te dão valor, te criticam, às vezes é nesse momento em que você se sente importante... quando fala: “ah! Vai ter aula de música. Eu estou no coral.” Isso aí para nós é muito gratificante (PPL8, 17 de setembro de 2021).

Artística: “principalmente porque... como eu disse, foi o sustento da minha família, a música, dos meus seis anos até meus 34 anos. Então, a música para mim é uma gratificação, porque é um dom que me trouxe muita coisa” (PPL16, 20 de outubro de 2021).

Quarenta por cento (40%) dos entrevistados responderam que a música significava *mobilização*:

Física: “tocou a música... vamos supor que é uma eletrônica: tá, tá, tá... limpando a casa bem mais rápido é... eu, por exemplo, não consigo limpar uma casa sem música [risos]” (PPL20, 19 de novembro de 2021).

Afetiva: “[...] a música me dá forças para seguir em frente. [...]. A música me ajuda com força de vontade a seguir em frente na caminhada” (PPL6, 10 de setembro de 2021).

Intelectual: “[...] eu sempre estudei muito ouvindo música. Então, uma mobilização para o intelecto, principalmente para capacitação intelectual, para mim foi muito boa. *Headphone* com música e muito livro para ler” (PPL16, 20 de outubro de 2021).

Trinta e cinco por cento (35%) dos entrevistados responderam que a música significava *autorrealização*:

Criando:

Aí um dia me chega por e-mail um e-mail da Subwoofer Records da Itália para eu fazer um remix para um DJ, [...], num site específico, [...] de porte, e aí me deram essa oportunidade. Criei os remix, mandei e eles mandaram o contrato (PPL16, 20 de outubro de 2021).

Recriando: “[...] quando você ensaia algo que você termina e tudo sai como você planejou, é uma realização tremenda, não tem preço, não tem nada que pague isso aí” (PPL12, 06 de outubro de 2021).

Apreciando: “com a música que a gente gosta, a gente se sente realizado [...]. Eu gosto muito é de ouvi-la, mesmo. Não tenho a intenção de chegar... a ser um cantor notável...” (PPL13, 08 de outubro de 2021).

Trinta por cento (30%) dos entrevistados responderam que a música significava *expurgação*:

Limpeza e purificação da alma: “os louvores gospel são tudo isso na minha vida [...]. Parece que traz a limpeza, a purificação espiritual” (PPL20, 19 de novembro de 2021).

Dez por cento (10%) dos entrevistados responderam que a música significava *catarse*:

Libertação emocional: “naquela nossa primeira apresentação eu estava mais chorando do que cantando, porque... privado da liberdade e poder ter esse tipo de oportunidade... eu, pelo menos sei e entendo o valor que isso tem [...]” (PPL16, 20 de outubro de 2021). Abaixo segue um trecho um pouco mais longo do relato de um dos entrevistados que nos chama a atenção pela consciência que tem do significado da música como um meio de libertação emocional:

Hoje, a música para mim, é justamente isso... hoje, eu, aqui, dentro de um cárcere, justamente esse meu lado... é muito importante para eu sair fora daqui, para tirar um pouquinho desse foco de opressão, esse foco... e o pessoal sempre acha que aqui nós não temos opressão [...], porém nós temos a nossa prisão mental, que é a pior prisão que tem, que isso pode até nos deixar, nos levar a uma depressão. E a música ajuda nisso. Só o fato de você trabalhar com música, você não... [...]. Uma libertação emocional, nesse primeiro momento (PPL17, 22 de outubro de 2021).

Cinquenta por cento (50%) dos entrevistados responderam que a música significava *maturação*:

Emocional: “a música é uma coisa tão boa que, além de ela desestressar, ela muda o pensamento da pessoa. Se a pessoa é meio ruim, ela vai se modificando” (PPL6, 10 de setembro de 2021).

Social:

A música ajuda... e o que eu vejo nas nossas aulas é a amizade, a comunhão que nos traz. Uma coisa é você cantar sozinho, outra coisa é você cantar em grupo. A gente vê união, isso traz união, isso traz a paz para todos nós... isso é muito importante (PPL5, 08 de setembro de 2021).

Intelectual: “já teve frases de músicas que eu usei muito. Ajuda no desenvolvimento da mente da gente” (PPL4, 03 de setembro de 2021).

Quarenta por cento (40%) dos entrevistados responderam que a música significava *prazer*:

Gratuidade artística, música pela música, pelo simples prazer de fazer música:

Eu consigo trocar qualquer tipo de situação do mundo por um violão e umas boas canções. É um prazer para mim... quando eu estou tocando, às vezes eu estou... a gente está fechado lá, pego o violão, começo a fazer alguns acordes, lembrar algumas músicas... eu tinha um hábito de leitura de partitura e era uma sensação das emoções e tudo o que ela transmite, tanto é que se eu estou fazendo, eu me desligo, eu dou um *off* do mundo. É um prazer imenso. Eu consigo ficar só com a música, sem o restante ou outros prazeres do mundo (PPL16, 20 de outubro de 2021).

Quarenta e cinco por cento (45%) dos entrevistados responderam que a música significava *sublimação*. Zampronha (2002, p. 14) define *sublimação* como *movimento pulsional dirigido para um determinado fim*. Acredito que a autora tenha pretendido reafirmar o conceito inicial elaborado por Freud, haja vista o fato de o conceito de sublimação ter se modificado ao longo do tempo. Valdre (2014), ao explicar o conceito de sublimação elaborado por Freud, afirma:

[...] Freud abraça e adota o termo sublimação, tomando seu significado da química e, [...] a sublimação, primeiro e antes de tudo, indica uma transformação, uma mudança de estado [...], transformando-se em algo diferente mesmo que venha da mesma fonte. Assim como um sólido se torna gás, assim a pulsão sexual original se torna outra coisa também, se transforma em algo que carregará em si traços do sexual, mas que não será mais sexual em sua expressão¹¹ (Valdre, 2014, p. 18-19, tradução nossa).

¹¹ [...] Freud embraces and adopts the term sublimation, taking its meaning from chemistry and, [...] sublimation first and foremost indicates a transformation, a change in state [...], transforming itself

Ao longo de seu texto, Valdre (2014) discorre sobre as modificações que o conceito de sublimação sofreu, sendo visto como reparação, segundo Klein (p. 30-34), como transformação, segundo Bollas (p. 34-35), e como reconciliação, segundo Loewald (p. 35-37). Valdre (2014, p. 39) conclui que é exatamente a tentativa de desvincular a sublimação do movimento pulsional que afasta as teorias subsequentes da teoria original de Freud. E foi nesse sentido, do *movimento pulsional dirigido para um determinado fim*, que as respostas dos entrevistados foram analisadas. Um dos entrevistados respondeu:

[...] hoje eu sei que... estou aprendendo a música e sei que eu estou tendo uma nova oportunidade de aprender algo de bom, para mim, que vai me levantar, porque às vezes eu me sentia até... abandonado e esquecido e a música está me trazendo de volta aquela alegria, uma vontade de começar a caminhar novamente. É como se fosse uma carga de bateria de novo para me incentivar, tipo assim: “Eu posso, eu posso ser uma pessoa, eu posso fazer algo diferente” (PPL2, 27 de agosto de 2021).

Abaixo segue um trecho do relato de um dos entrevistados que descreve como a música mudou seu autoconceito e se tornou objeto de desejo, levando-o a estabelecer o objetivo de se aperfeiçoar:

Pelo fato de eu achar minha voz inadequada, na verdade eu vim mais por curiosidade. Aí quando eu cheguei lá, vi aquela apresentação a qual nós fizemos lá, mudou totalmente a minha percepção, do que eu achava de mim mesmo. Acerca de até mesmo, como eu falei para o senhor, procurar... querer continuar as aulas quando eu sair daqui. Vou procurar me aprofundar mais, procurar me aperfeiçoar mais [...] (PPL12, 06 de outubro de 2021).

Noventa por cento (90%) dos entrevistados responderam que a música significava *terapia – auxílio à saúde física e mental*. Por meio das falas dos entrevistados, surgiram palavras e expressões que se relacionam aos significados da música abordados como terapia. Algumas foram utilizadas por eles, outras foram inferidas por nós. A primeira palavra é *vida* (PPL1, PPL8 e PPL11). Segue um trecho do relato de um dos entrevistados que relaciona a música à sensação de se sentir vivo, mesmo enfrentando a situação de privação de liberdade:

Na verdade, professor, eu gosto da música que faz eu me tornar vivo. [...] Então tem música que realmente faz eu me tornar vivo, me chama

into something different even if it comes from the same source. Just as a solid becomes gas, so does the original sexual drive become something else, it transforms into something which will carry within itself traces of the sexual but which will no longer be sexual in its expression.

a atenção, me faz, às vezes, eu me sentir “levantado”. [...] Às vezes quando estou abatido, muitas vezes eu ponho um louvor, é uma música que me faz sair dali daquele mundo, daquele mundo de desprezo, do mundo da tristeza, e me faz retornar novamente. [...] Então, a música para mim, ela me faz viver. [...] a música para mim é... eu a tenho para mim como algo importante dentro de mim porque ela me... algumas das músicas me fazem sentir forte, me levantam, como eu disse para o senhor, eu me sinto mais vivo, quando eu ouço algumas músicas, ou quando eu estou triste, a música se torna para mim algo importante no momento das minhas tristezas (PPL11, 01 de outubro de 2021).

Também foram utilizadas as expressões *preenche o vazio* (PPL2) e *faz esquecer* (PPL2, PPL7, PPL16 e PPL18) para descrever o efeito terapêutico da música. Segue um trecho do relato de um dos entrevistados, que dava aulas de violão voluntariamente e participava do projeto das aulas de canto coral, descrevendo como a música o faz esquecer da situação de privação de liberdade:

[...] quando eu estou tocando, eu me esqueço das situações que estão aqui [no presídio]. [...]. Sim, porque somente nessa situação a minha melhor terapia é vir para cá para a aula [de canto coral] e quando eu estou com meus jovens, jovens senhores. Porque não é só para eles. Eu coloquei no caderno que o intuito da aula [de violão] era justamente auxiliar psicologicamente. Mas a terapia maior é para mim, do que para eles. Quando eu saio para ensiná-los eu volto renovado de novo para a aula. Eu venho para a aula aqui, é renovo. É uma terapia e é um recarregar as baterias. Tentar enfrentar outro dia, saber que... sei lá quando a gente vai sair daqui... então... eu consigo pensar menos também... senão a cabeça surta (PPL16, 20 de outubro de 2021).

Muitos entrevistados fizeram referência à *alegria* (PPL2, PPL4, PPL7, PPL8, PPL10, PPL11, PPL15 e PPL20). Segue o trecho do relato de um dos entrevistados que fala como a música funciona como terapia ao trazer alegria não só nas aulas de canto coral, mas mesmo dentro de uma cela:

[...] a música significa muita coisa na minha vida. Porque quando eu canto, eu me sinto tão bem. Até mesmo quando a gente está na cela privada, no período noturno, nós temos o costume de cantar com violão e cantar hinos da Harpa [hinário Harpa Cristã]. E por muitas vezes o local, por ter uma estrutura pesada, a gente está entristecido, nós começamos a cantar dentro da cela e a nossa alma se alegra (PPL10, 29 de setembro de 2021).

Outras palavras e expressões foram utilizadas para descrever o efeito terapêutico da música, tais como: *força* (PPL2 e PPL11), *esperança* (PPL2 e PPL8), *mudança* (PPL2), *alívio* (PPL4 e PPL10), *boas lembranças* (PPL5), *calma* (PPL5, PPL8, PPL13, PPL14 e PPL17), *distração* (PPL6, PPL15 e PPL19), *é desestressante* (PPL6), *é relaxante* (PPL6 e PPL17) e *uma necessidade* (PPL7). Chamou-nos a atenção um

trecho do relato de um dos entrevistados que descreve a música como uma necessidade para sua sobrevivência dentro do contexto prisional:

Eu acho que sou como um passarinho, se eu não cantar eu morro. [risos]. [...]. E quando chega à tarde, as pessoas que estão comigo já sabem: “Oi, moço, você não vai cantar?” Se eu não cantar eu morro. Eu tenho que cantar uns três hinos, alguma coisa, é uma terapia muito... me traz assim... tudo o que você passou durante o dia, tanto “B.O.”, tanta coisa... parece que lava a alma da gente, e aí a gente esquece os problemas [...]. Alegria, paz, tudo de bom (PPL7, 15 de setembro de 2021).

Ainda encontramos outras palavras e expressões utilizadas para descrever o caráter terapêutico da música, tais como: *lava a alma* (PPL7), *paz* (PPL7, PPL8 e PPL12), *tudo de bom* (PPL7), *motivação* (PPL8 e PPL18), *renovação* (PPL11, PPL16 e PPL20), *ânimo* (PPL12), *consolo* (PPL12), *desabafo* (PPL14), *descontração* (PPL15), *tranquilidade* (PPL15 e PPL19) e *liberdade* (PPL17). Por estarmos em um contexto prisional, nos chamou a atenção a relação que um dos entrevistados estabeleceu entre música e liberdade, descrevendo o seu efeito terapêutico:

A música, ela vem para cá para nos libertar justamente dessa opressão, desse lado lusco-fusco, escuro que o cárcere traz. Então, a música acaba... ela nos tira do cárcere, daquele momento, daquele tempo, e nos traz uma outra realidade, sai até fora do círculo [...]. Para muitos aqui dentro, na nossa realidade, nessa realidade do cárcere, a música é justamente para isso. [...] música nos tira daquela nossa realidade (PPL17, 22 de outubro de 2021).

Aqui temos um último grupo de palavras e expressões que descrevem o caráter terapêutico da música, tais como: *inspiração* (PPL18), *energia boa* (PPL18), *antidepressivo* (PPL18), *eleva a autoestima* (PPL18 e PPL20), *tira da realidade* (PPL18 e PPL20), *emociona* (PPL20), *estimula o raciocínio* (PPL20) e *felicidade* (PPL20). É interessante notar a relação estabelecida por um dos entrevistados entre a música e o sentimento de felicidade, descrevendo o efeito terapêutico que a música causa em sua vida na condição de estar em privação de liberdade:

Então ela, como eu falei, a gente ouvindo a música, a melodia da música, a gente consegue trazer para nós um sentimento de alegria, prazeroso e isso acho que contribui com o nosso bem-estar, com a nossa saúde. [...]. Eu quero, assim, agradecer o senhor porque [começa a chorar] a gente preso é difícil. [...]. Isso nos ajuda a passar o dia a dia. A gente volta da aula para dentro das grades mais feliz, renovado, e isso contribui muito [...] (PPL20, 19 de novembro de 2021).

Ao final da entrevista perguntamos se gostariam de falar sobre algo que não havia sido abordado. Transcrevemos aqui alguns trechos que reafirmam o significado da música para algumas das pessoas em situação de privação de liberdade.

Dois entrevistados relatam como a música torna-se importante dentro do contexto prisional. Um deles traz a música como meio de elevação da autoestima (gratificação emocional):

Nós conversamos aqui sobre a música, que é muito importante, ainda mais para nós, reeducandos, que estamos aqui, não é fácil, longe da família, mas é gratificante, a gente se sente importante, valorizado, a gente sai daqui melhor do que quando entramos... através da música (PPL8, 17 de setembro de 2021).

O outro entrevistado se refere à música como meio de terapia para suportar a situação de privação de liberdade:

[...] na verdade o que eu gostaria é de colocar em relação às oportunidades, apesar de eu estar aqui privado, as oportunidades que eu recebi. [...] porque eu acho que se eu tivesse em qualquer outra aula, outro lugar, e não fosse ali, eu acho que já teria sentido um pouco mais essa situação, apesar de eu estar vindo me preparando há muito tempo para a situação do cárcere [...] (PPL16, 20 de outubro de 2021).

Dois entrevistados relatam que as aulas de música despertaram o desejo de realização de um sonho antigo (sublimação):

Quando eu sair daqui eu pretendo correr atrás para eu poder... fazer um curso, assim de... música, para poder aprender coisas novas, aprender a cantar, tocar instrumentos, aprender as notas musicais, me desenvolver. Esse sempre foi o meu sonho [...] (PPL6, 10 de setembro de 2021).

O outro entrevistado tem sonhos mais ousados:

Já tenho um sonho, uma vontade de me apresentar, até, até dizer: por que não gravar um... um CD? Como diz o povo, por que não se apresentar? Não sei se esse é o... eu gosto muito de cantar, eu gosto, muito mesmo. [...]. O momento que eu estou passando aqui, tudo o que eu estou tendo aqui de aula está sendo muito proveitoso, muito, mas muito, mesmo. [...]. Meu sonho... a oportunidade, talvez lá fora...se tiver a oportunidade de continuar, a gente vai correr atrás disso aí (PPL7, 15 de setembro de 2021).

Considerações finais

O objetivo dessa pesquisa foi verificar o significado da música para pessoas em privação de liberdade, com vistas à redução do sentimento de inferioridade, por

meio do processo de ensino e aprendizagem de música no canto coral, desenvolvendo aspectos técnico-vocais, expressivo-musicais e, principalmente, atitudinais, para que, quando retornarem ao convívio em sociedade, possam ter valores éticos construídos por meio do fazer musical. Nesse sentido, pessoas em privação de liberdade podem ter um estímulo a modificar suas ações a partir dos sentimentos provocados pela música.

Verificamos, tanto por meio da pesquisa bibliográfica quanto através da experiência com o ensino de música em prisões, que a música pode significar uma mudança de vida para as pessoas em privação de liberdade, pois ela desperta sonhos e estes determinam ações e comportamentos para que sejam alcançados.

Certamente, não temos a expectativa de que a música seja a única solução para a inclusão social ou para a diminuição da violência, mas verificamos que pode ser uma solução. A música é para todos, mas nem todos se deixam transformar por ela. No entanto, por menor que seja o resultado, o ensino de música em prisões pode contribuir para termos uma sociedade melhor.

O ensino de música em prisões é um tema em expansão, e essa pesquisa tem também o objetivo de contribuir para isso. Desejamos que ela possa servir para educadores musicais e pesquisadores que se interessem pela transformação da sociedade, mesmo que pequena, por meio da educação musical.

Referências

BARTELS, Daniel M.; BAUMAN, Christopher W.; CUSHMAN, Fiery A.; PIZARRO, David A.; MCGRAW, A. Peter. Moral Judgment and Decision Making. In KEREN, G.; WU, G. (Eds.). *Blackwell Reader of Judgment and Decision Making*. Malden [EUA]: Blackwell, 2015. p. 478-515.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOWMAN, Wayne. The social and ethical significance of music and music education. *Revista da Abem*, v. 26, n. 40, p. 167-175, jan./jun. 2018.

COHEN, Mary L.; DUNCAN, Stuart P. *Music-making in U.S. prisons: listening to incarcerated voices*. Waterloo [Canadá]: Wilfrid Laurier University Press, 2022.

DE QUADROS, André; AMREIN, Emilie. *Empowering Song* music education from the margins. New York: Routledge, 2023.

DIAS, Luiz Ricardo. *Fé na vida, fé no homem, fé no que virá* um estudo sobre os sentidos da prática coral em uma unidade prisional. 2019. 150 p. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

FERNANDES, José Fortunato. *Educação musical de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa através do canto coral*. Cuiabá: EdUFMT, 2016.

FONTES, Arlete Portella; AZZI, Roberta Gurgel. Crenças de autoeficácia e resiliência: apontamentos da literatura sociocognitiva. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 29(1), p. 105-114, jan./mar. 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir* nascimento da prisão. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOPALAN, Valamarthie; BAKAR, Juliana Aida Abu; ZULKIFLI, Abdul Nasir. A review of motivation theories, models and instruments in learning environment. *Journal of Critical Reviews*, v. 7, Issue 6, p. 554-559, 2020.

HENLEY, Jennie; MOTA, Graça; COHEN, Mary. Musical development and positive identity change within criminal justice settings. In BEYENS, Giannalia; RAMOS, Miguel; ZIPANE, Enrik; OPHUYSEN, Truus (eds.). *Rethinking education: empowering individuals with the appropriate educational tools, skills and competencies, for their active cultural, political and economic participation in society in Europe and beyond*. Brussels: ACP, 2013. p. 120-149.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 43-51, mar. 2004.

KLEBER, Magali. Projetos sociais e educação musical. In SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 213-235.

LAMELA, Inês. Uma fuga a várias vozes. *European Review Of Artistic Studies*, v. 10, n. 2, p. 12-23, 2019.

MOTIN, Felipe Gabriel; LEONIDO, Levi. Práticas de ensino de música no contexto prisional: análise comparativa de estudos de casos. *European Review Of Artistic Studies*, v. 9, n. 1, p. 56-74, 2018.

RODRÍGUEZ YAGÜE, Ana Cristina.; PASTOR COMÍN, Juan José. La población penitenciaria como comunidad educativa: la expresión musical como intervención socializadora. In MORALES, J. A.; BARROSO, J. (Coords.). *Redes Educativas: La educación en la sociedad del conocimiento*. Sevilla [Espanha]: GID, 2012. p. 1-11.

VALDRE, Rossella. History of the concept of sublimation from Freud to the present day: a brief literary review. In _____. *On sublimation a path to the destiny of desire, theory, and treatment*. London: Karnac/Taylor & Francis Group, 2014.

VEUGELERS, W.; TERLINGEN, J. How music education can contribute to moral development and citizenship? *In* ASTUTI, Kun Setyaning; MCPHERSON, Gary G.; SUGENG, Bambang; KURNIASARI, Nila; HERAWAN, Tutut; DRAKE, Christopher; ASHADI; RETNOWATI, Endah; PIEREWAN, Adi Cilik (Ed.). *21st Century Innovation in Music Education*. London: Taylor & Francis Group, 2020. p. 229-233.

ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

José Fortunato Fernandes é Doutor em Música pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2012), Mestre em Artes pela Universidade de São Paulo - USP (2003), graduado em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (1994). É autor dos livros “Educação de adolescentes em conflito com a lei: fatores socioculturais” (2015) e “Educação musical de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa através do canto coral” (2016). Desde 2011 é professor nos cursos de Música da UFMT. Tem desenvolvido pesquisa com o tema Música em Prisões. Em 2021 iniciou o projeto de extensão Canto que Liberta em penitenciárias de Cuiabá-MT. Atualmente faz pós-doutorado na Boston University (EUA) com pesquisa sobre música em prisões.